

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Dezembro de 2011

## **SERÃO OS PIGMEUS HOMENS VERDADEIROS? UMA QUESTÃO ENTRE A ANTROPOLOGIA E A MEDICINA, NO *VIRIDARIUM* DO PADRE FRANCISCO MENDOÇA SJ**

No último número do *Boletim de Estudos Clássicos* trouxemos ao capítulo do *Latim Renascentista* uma questão de medicina tratada pelo Padre Francisco de Mendonça, Professor de Filosofia do Colégio das Artes, no Livro IV (*De Floribus Philosophiae*) do *Viridarium Sacrae ac Profanae Eruditionis*.<sup>1</sup> Como então dizíamos, esta obra, muito citada mas porventura menos conhecida, merece um estudo extenso que seguramente resultaria num valioso contributo para a história do saber e do ensino em Portugal.

No *De Floribus Philosophiae* reúnem-se 47 questões tão diversas como: “O que mais poderá contribuir para levar o homem à loucura, a felicidade ou a infelicidade? Conseguirá o homem suportar a fome por mais de 9 dias? Terão sido habitadas outrora as zonas tórridas e geladas? Será que a Lua recebe toda a sua luz emprestada do Sol? Será que o centro de gravidade é um só com o centro do Universo? Qual dos hemisférios é o mais nobre, o do Norte ou o do Sul? Será que o ar é, de algum modo, navegável?”

Como fica claro pela simples enumeração de algumas das questões tratadas no *De Floribus Philosophiae*, uma leitura justa desta obra, depois da fragmentação do saber e da especialização nas suas várias disciplinas, reclama uma abordagem multidisciplinar com o contributo de disciplinas hoje bem distintas entre nós, como são a astronomia, a física, a psicologia, a antropologia, etc...

Para este número do Boletim escolhemos uma questão do *De Floribus Philosophiae* que dificilmente catalogamos sob antropologia ou medicina, o ‘Problema XII’: ‘An Pygmaei veri sint homines’, serão os Pigmeus verdadeiros homens? A razão daquela dificuldade decorre, em parte, do facto de o termo ‘pigmeu’, que hoje associamos a grupos étnicos caracterizados pela sua estatura extraordinariamente baixa, estar no séc. XVII associado ao lendário povo de homens muito pequenos que travou uma luta com os grous,

---

<sup>1</sup> Mendonça, Francisco, *Viridarium Sacrae ac Profanae Eruditionis*, Lugduni, 1632.

ou cegonhas, de que teria resultado o seu desaparecimento. Refere-os desde logo Homero na *Íliada*, mas também Heródoto e posteriormente, muitos outros. Além disso, a palavra ‘pigmeu’ também designa no séc. XVII o anão. Esta questão, e o tratamento que dela faz o Padre Francisco Mendonça, vamos encontrá-los, por exemplo, numa obra de medicina<sup>2</sup> do início do séc. XVIII que parafraseia e cita o *Viridarium*.

Para compreendermos o lugar desta questão no *De Floribus Philosophiae*, não podemos esquecer que, ao tempo em que Francisco Mendonça elabora estas *quaestiones*, o homem europeu alargara substancialmente os horizontes do seu mundo. Quando nos séc. XV e XVI ele contacta com mundos muito diferentes do que até então conhecia e, por via do que chamamos ‘Descobrimentos’, conhece os habitantes desses mundos, procura explicar essa diferença e, de certo modo, ‘arrumar’ todas essas novidades, muitas vezes desenvolvidas pela fantasia, no mundo coerente e organizado que era criação divina. Esta ‘arrumação’ tinha, evidentemente, muitas implicações filosóficas, jurídicas, morais, religiosas, económicas e políticas, pelo que foi questão muito delicada que se prolongou pelo século XVII.

No texto de Mendonça, porém, não encontramos, como seria de esperar, qualquer referência aos nativos das novas terras de missão, com quem os jesuítas contactavam. O tratamento da questão ‘serão os pigmeus verdadeiros homens?’ faz-se com o recurso às autoridades antigas e medievais, no que elas se referem aos pigmeus, povo que esses mesmos antigos por vezes colocam no reino do fantástico, entre o mítico e o real. No entanto, no pensamento de Mendonça e do seu público, estaria presente, com certeza, a associação deste povo fantástico, se quisermos, deste povo que escapava completamente aos padrões ‘normais’, aos nativos dos novos mundos que chocavam o europeu por uma diferença física, como se disse, muitas vezes acentuada pela imaginação e pela fantasia.

Que essa associação é, noutros autores, explícita, é o que vemos no tratado de medicina a que acima já nos referimos. No capítulo 7 da Disputa 2, “*Dos conceptos monstruosos na conformação do corpo. Dasse noticia dos Gigantes e Pigmeus*”, Francisco da Fonseca Henriquez, médico de D. João V, faz um elenco das autoridades que referem os Pigmeus, começando, tal como

---

<sup>2</sup> Henriquez, Francisco da Fonseca, *Medicina Lusitana e Socorro Delphico aos clamores da Natureza humana, para total profligação de seus males*. Em Amsterdam, em casa de Miguel Diaz, Anno 1710.

o Padre Francisco Mendoça, por Aristóteles. O seu elenco de autores é mais longo que o de Mendoça e chega aos modernos, identificando os que aceitam e os que não aceitam a existência dos Pigmeus. Apresenta também os historiadores que afirmam que outrem ou eles próprios os viram:

Ainda que não faltam Historicos que os virão, hum dos quays hé Bernardo Gordonio (Bernardus Gordonius 2 part. Prognostic. C.7) que os vio do tamanho da palma de hua mão, e dos Modernos o capitão João Alvares Maldonado, que os achou, e vio alem dos Andes (Frater Petrus Simon apud Nieremb. Lib.4 monstruor. cap.2 in fin.). Argensola diz que os vio na Ilha Chapi; outros na Ilha Aruqueto (Leonardus Argensola apud Nieremb. Ibid.) junto das Malucas; Jovio (Jov. In Historia Moscovinia) segura, que os há alem do Japão (...)³

Mais à frente, Francisco Henriques diz ainda que “o Padre Ruyz (Pater Ruyz apud Eus. Nieremb. lib. 4 monst. Cap.2 in fin.) diz que no anno de 1600 se achou nas Indias hua Provincia de gente anam.”⁴. A associação dos pigmeus referidos nos autores antigos aos povos exóticos do novo mundo parece, pois, suficientemente documentada numa obra posterior ao *Viridarium* em quase um século mas que indica como fontes que atestam essa associação, entre outras, autores medievais, como Bernardo Gordónio, autores do séc. XVI, como Paulo Jóvio, ou contemporâneos de Francisco Mendoça, como Bartolomeu Leonardo de Argensola.

Que não há razões para duvidar da existência dos pigmeus é o que argumenta o médico Francisco Henriquez, para o que segue quase *ipsis verbis* o texto do *Viridarium* do Padre Mendoça (citando-o), embora prolongue o seu texto com mais referências literárias. Além de Juvenal (*Sátira* 13), transcreve os versos de Homero (*Ilíada* I) e de Ovídio (*Metamorfoses*, 6) e além disso ainda invoca o testemunho de Ctesias de Gnido, médico grego do séc. V d.C.

A fonte em primeira mão mais citada pelo médico neste passo é a obra de erudito polígrafo jesuíta, Eusébio de Nieremberg, cuja produção é posterior à do Padre Francisco Mendoça. Este não poderia, pois, utilizar as informações por aquele coligidas, informações essas que associam os pigmeus a povos ‘recém-descobertos’. No entanto pensamos que a omissão desta associação no texto do *Viridarium* não resulta da ignorância do autor. No seu texto o Padre Mendoça não se refere ao índio, nem ao negro africano,

³ Henriquez, Francisco da Fonseca, *Medicina Lusitana...* p. 54.

⁴ *Ibidem* p 55.

nem a qualquer povo visto pelos seus contemporâneos, não faz, portanto, qualquer associação dos pigmeus à questão da natureza humana ou à questão da alma dos ‘selvagens’, que foi tão debatida no séc. XVII. No entanto, o tratamento desta questão, ainda que breve, assenta os alicerces para a defesa da natureza humana dos pigmeus. Eles seriam *veri homines*, da mesma formação que o homem: *ex homine et aequo conflatos*.

Ancorando-se em Aristóteles, o Padre Mendoça defende a tese de que a qualidade humana, isto é a *humanidade* de um ser, não é determinada pelo tamanho do corpo, mas pela presença da alma racional nesse corpo, que pode ser do tamanho de uma abelha. Ou seja, o que torna humano esse corpo não é a sua *quantidade* de corpo, mas a *qualidade* racional da sua alma.

As *quaestiones* argumentadas pelo Professor de Filosofia, tocando diversas áreas do saber filosófico de então, não andavam arredadas das matérias científicas do seu tempo. Esta questão, concretamente, lança luz sobre o problema da natureza humana dos índios e dos africanos, que seria, com se sabe, uma questão profundamente debatida ao longo do séc. XVII. A leitura do texto e da tradução que propomos reforça a imagem do magistério filosófico do jesuíta Francisco Mendoça como um magistério alicerçado nas autoridades antigas e envolvido nas questões científicas coevas.

## TEXTO

### Problema XII

#### *An Pygmaei ueri sint homines*

Pygmaeos, *quorum Tota cohors, pede non est altior uno*, ut Poeta ait, ueros homines esse asseruit Aristoteles 8 lib. de hist. animalium c. 12 ubi affirmat non esse fabulosa ea, quae de his homunciis dicuntur. Accedunt rationes. Prima, quia sicut fuerunt homines portentosae magnitudinis, ita esse potuerunt portentosae breuitatis.

Quod fuerint homines portentosae magnitudinis, constat in primis ex sacris literis (sic), dicitur enim Deut. 3 de Og rege Basan, quod lectus eius ferreus nouem cubitus haberet longitudinis, et quatuor latitudinis ad mensuram cubiti uirilil manus.

Et ex profanis literis omnibus notum est Pallantem illum Evandri filium, quem Turnus interfecit, Romanae urbis moenia toto capite superasse; cum enim anno fere octingentesimo post Christum natum corpus eius prope urbis moenia inuentum fuisset, integrum in pedes erectum est, pinasque murorum

ab humeris superauit. D. item Augustinus lib. 15 de ciuitate c. 9 affirmat ostensum sibi fuisse molarem D. Christophori dentem pugno maiorem.

Similitudo uero bona est, quia cum humana natura ad utrunque terminum determinata sit, sicut Gigantum stirpem suo ambitu coercescit, ita par est, ut eos non excludat, qui in minimo fere habitant, qualis est Pygmaeorum gens, quorum statura non est infra minimum humanae naturae, cum illud adeo exiguum sit, teste D. Thoma in 3. d. 3. q. 5. art. 2 ad tertium, ex Aristotele, ut apud quantitatem non excedat.

Neque negandum est rationalem animam in suo minimo introduci posse, cum id affirmet D. Thomas tam loco citato, quam etiam 3.p.4.q.33.art.2 de anima sanctissima Christi Seruatoris nostri, in quo tamen termino plenum habuit rationis usum, utpote quae in primo suae creationis instanti Deum uiderit.

Accedit etiam Pygmaeorum opera rationem, et discursum sapere, ut enim scribit Plin.lib.7.cap.2. casas quibus se defendant a caeli iniuriis, construunt ex luto, pennisque, et ouorum putaminibus, insidentesque arietum, et caprarum dorsis, armati sagittis ad mare descendunt, ut gruum oua, pullosque consumant. Vnde est illud Iuuen. Satyr. 13.

*Ad subitas Thracum uolucres<sup>5</sup>, nubemque sonoram*

*Pygmaeus paruis currit bellator in armis.*

Denique accedit illud, quod scribit Nicephorus lib. 12. Eccles. histor. cap. 37 imperante scilicet Theodosio in Aegypto degisse hominem ea corporis mole, ut pernici similis esset. *Neque ingratum, inquit, spectaculum erat, si cum illo in globo hominum conuersaretur, et ad contentionem excitatus colluderet: et quod mirabile dictu est, prudentia ei inerat, uox a musis non abhorrebat.* Haec Nicephorus. Huic etiam sententiae subscribit D. Augustinus lib.16. de ciuitate c. 8. *Non nobis, inquit, absurdum uideri debet, ut quemadmodum in singulis quibusque gentibus quaedam monstra sunt hominum, ita in uniuerso genere humano quaedam monstra sint gentium.*

Sane scriptores in regione, quam incoluerint, non conueniunt: nam Aristoteles loco supra citato, quem sequitur Plin. Lib 6.c.3. et Pompon. Mela c.9 eos in Aethiopia, quae est supra Aegyptum, collocant: at idem Plin. lib.4.c.11.in Thracia eos habitasse affirmat, in quam a gruibus fugatos ait.

---

<sup>5</sup> O texto do *Viridarium* apresenta *uoces*, provável erro de tipografia que corrigimos. O texto de Juvenal, *uolucres*, refere-se aos groues, aves de rapina, com quem os pigmeus travaram luta na Trácia.

Solinus uero c.65. et quidam alii apud Gellium lib.9 noctium Attic. c.4 ad extremas Indiae oras eos relegarunt.

Quae una ratio fuit, quae M. Albertum lib.21. de animalibus c.2 mouerit, ut eos ueros homines esse negaret: nam si in tot simul partibus habitarunt, mirum est ita fuisse a gruibus extinctos, ut ad Alexandri, et Romanorum tempora nullus peruenerit, nec aliquis scriptum reliquerit, quod eos inuenerit, aut fuerit alloquutus. Deinde, quia eorum historia, esto fabulosa non sit, antiquissima est, cum nimirum homines erant longissimae staturae: non est autem credibile, tunc cum maxime humana natura uigebat, ita defecisse, ut non uno tantum loco, sed in pluribus tot homines nani nascerentur. Igitur Alb. Mag. Sub genere simiarum Pygmaeos collocat.

Et certe ex Aristotele habetur Pygmaeos eiusdem speciei nobiscum esse non posse, cum eos ex homine et aequo conflatos esse asseueret.

### TRADUÇÃO

#### Problema XII

#### *Serão os pigmeus verdadeiros homens?*

Os Pigmeus, *cujo inteiro exército*, como diz o poeta, *não tem mais que um pé de altura*,<sup>6</sup> são verdadeiros homens, afirmou Aristóteles no livro 8 da *História dos Animais* (cap. 12), onde afirma que não são fabulosas as coisas que se dizem sobre esses homúnculos. E eis as razões: Primeiro, porque assim como houve homens de grandeza descomunal, também pode ter havido de descomunal pequenez.

Que houve homens de descomunal grandeza, consta, em primeiro lugar, na Sagrada Escritura, onde no cap. 3 do *Deuteronomio* se diz de Ogue, rei de Basã, que o seu leito de ferro media nove côvados de comprimento e quatro de largura, conforme a medida de um côvado<sup>7</sup> viril.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Juvenal, *Sátira* 13, 173.

<sup>7</sup> Medida antiga que correspondia à medida de um antebraço ou da ponta dos dedos ao cotovelo.

<sup>8</sup>Entenda-se por côvado ‘viril’, um côvado comum, tomando por referência uma mão e braço de homem, não de mulher. O texto, de resto, segue fielmente o texto da vulgata: Deut. 3, 11: Solus quippe Og rex Basan remanserat de residuis Raphaim. Monstratur lectus eius ferreus. Nonne est in Rabba filiorum Ammon? Novem cubitos habet longitudinis et quattuor latitudinis ad mensuram cubiti virilis manus.

E, nas letras profanas, é conhecido de todos que Palante, aquele filho de Evandro que Turno matou, ultrapassava, com a sua cabeça, as muralhas da cidade de Roma; pois, quando no ano 800 depois de Cristo, o seu corpo foi encontrado junto das muralhas da cidade e foi erguido, inteiro, em seus pés, ultrapassava com os ombros, as ameias dos muros.<sup>9</sup> Também Santo Agostinho, na *Cidade de Deus* (livro 15, c.9) afirma que viu um dente molar de S. Cristóvão maior que um punho.<sup>10</sup>

Na verdade é uma boa comparação porque, como a natureza humana foi determinada em função de qualquer um dos dois tamanhos, assim como contém no seu âmbito a estirpe dos gigantes, do mesmo modo contém e não exclui os que vivem no menor tamanho, como é o caso da raça dos pigmeus, cuja estatura não está abaixo do tamanho mínimo da natureza humana, mesmo que este seja de tal modo exíguo - segundo S. Tomás (in 3. d.3. q.5. art. 2) na esteira de Aristóteles - que não exceda a dimensão<sup>11</sup> de uma abelha.  
12

---

<sup>9</sup> Na *Eneida* não há alusões à dimensão gigantesca de Palante, mas esta história devia circular, pois numa coleção de 'ideias para sermões' publicada no séc. XVII há referência a este 'achado' do corpo de Palante. "En tempo do Emperador Enrique segundo se achou em Roma o corpo de Palante, filho de Evandro; um dos primeyros insignes fundadores daquela famosa & afamada Cidade. Estava sem a menor corrupção todo inteiro, passando mil annos que jazia naquela grutta sepultado: extrahido do sepulchro; & arrimado aos altíssimos muros da Cidade de Roma: era tão desmarcada sua monstruosa estatura que excedia as mais altas ameas com a cabeça" Lima, Frei Manoel de, *Ideias sagradas e consagradas em vários sermões panegíricos*, Lisboa, 1720, p 123.

<sup>10</sup> No livro 15 da *Cidade de Deus*, Santo Agostinho, a propósito do gigantismo, refere este dente de gigante, mas não o atribui a S. Cristóvão, o mártir que segundo a lenda tinha dimensões descomunais. Esta 'identificação' do dente de gigante com o do mártir surge associada a Luis Vives e ao seu comentário à *Cidade de Deus*, na *Historiarum anatomicarum rariorum centuria I et II* de Thomas Bartolini, obra publicada em 1654. No entanto, embora tenhamos consultado aquela obra de Vives não pudemos apurar até que ponto os comentários de Luis Vives estão associados a essa identificação.

<sup>11</sup> Note-se que traduzimos por 'dimensão' a expressão '*quantitatem*' que em categorias aristotélicas significa por oposição a '*qualitatem*'.

<sup>12</sup> No pressuposto da unidade da pessoa e dualidade da natureza de Cristo, plenamente humana e plenamente divina, sendo infinita, a alma do Verbo que encarna, ela não perdeu 'qualidade' ao passar a alma 'encarnada', e portanto nos



E nem deve negar-se que a alma racional pode ser introduzida nesse mínimo tamanho, pois o afirma S. Tomás, tanto no passo citado como ainda em outro passo (livro 3, parte 4, questão 33, artigo 2) a respeito da santíssima alma de Cristo nosso Salvador, pois, embora no seu tamanho, ela teve o pleno uso da razão, como é próprio de uma alma que viu a Deus desde o primeiro instante da sua criação.

Acresce ainda o argumento das obras dos Pigmeus, o terem razão e discurso. Como escreve Plínio (Livro 7, cap. 2<sup>13</sup>), as casas com que se defendem das intempéries do céu, constroem-nas de barro, de penas e cascas de ovos e, sentados no dorso de carneiros ou de cabras, armados de setas, descem até junto do mar para destruir as crias e os ovos dos grou. Daí que Juvenal escreva na *Sátira* 13:

*Diante da nuvem sonora das aves da Trácia*

*O guerreiro pigmeu corre a tomar as suas pequenas armas*

Há ainda a acrescentar o que escreveu Nicéforo<sup>14</sup> na *História Eclesiástica* (livro XII, cap. 37), a saber, que, no tempo do imperador Teodósio, vivia no Egipto um homem com tal pequenez de corpo que parecia uma perdiz. E, diz Nicéforo, *não era um espectáculo desagradável, estar na sua companhia, diante de uma multidão de homens, se ele fosse levado a usar de eloquência; e, o que é admirável de dizer, havia nele prudência e a sua palavra não aborrecia as musas.*<sup>15</sup> Isto dizia Nicéforo, e a este dito se associa Santo Agostinho na *Cidade de Deus* (livro 16, cap. 8): *não nos deve parecer absurdo que, do mesmo modo que em cada povo há alguns prodígios entre os homens, também em todo o género humano haja alguns prodígios entre os povos.*

Sem dúvida que, quanto à região que eles terão habitado, os autores não são unânimes. Aristóteles, no passo citado, seguido por Plínio (livro VI, cap.

---

limites do humano. O argumento serve para provar a tese de que o que determina a natureza humana é a alma racional, e não a dimensão do corpo. A alma racional pode ser introduzida no corpo mais pequeno que seja, mesmo do tamanho de uma abelha.

<sup>13</sup> Da *Naturalis Historia*.

<sup>14</sup> Nicéforo Calisto Xantópulo, de Constantinopla (séc. XIV), autor de uma *Historia Ecclesiastica* em XVIII livros, o último dos historiadores eclesíasticos gregos. Este sacerdote da corte imperial de Bizâncio foi muito conhecido pelos humanistas dos séc. XVI e XVII e a sua *História eclesíastica* conheceu várias edições em tradução latina, francesa e alemã.

<sup>15</sup> Henriquez, F., *Medicina Lusitana* p. 55.

3) e Pompónio Mela (cap. 9<sup>16</sup>), coloca-os na Etiópia, que fica para lá do Egipto. Mas o mesmo Plínio (livro IV, cap. 11) afirma que eles viveram na Trácia, para onde foram afugentados pelos grous. Solino<sup>17</sup> (cap. 65) e outros em Aulo Gélio no livro 9 das *Noites Áticas* colocaram-nos nas praias longínquas da Índia.

Uma única razão houve que levou Alberto Magno (*Dos animais*, livro 21) a negar que eles fossem verdadeiros homens. Com efeito, se eles viviam ao mesmo tempo em partes tão diversas, é de admirar como terão sido extintos pelos grous, de modo a que nenhum tenha chegado ao tempo de Alexandre e dos romanos, nem tenha ficado nada escrito sobre eles, ou que alguém os tenha encontrado ou falado com eles. Além disso, ainda que a história que se conta deles não seja fabulosa, é antiquíssima, quando seguramente os homens eram de grande estatura; é pouco provável pois que, quando a natureza humana florescia com todo o vigor, de tal modo enfraquecesse que não só num único lugar, mas em vários, nascessem homens anões. Por isso, Alberto Magno os coloca na espécie dos símios.

E com razão, por via de Aristóteles, se considera que os Pigmeus não podem ser da mesma espécie que nós, no entanto ele assevera que eles são conformados em igualdade com o homem.

CARLOTA MIRANDA URBANO

---

<sup>16</sup> Do *De Chorographia*.

<sup>17</sup> Mendoça cita provavelmente o *De Mirabilibus Mundi* de Gaio Julio Solino, gramático latino do séc. III d.C.